



Ao tio Zé, com amor

Sabe aquele homem renascentista que, mesmo sem ter passado pelas melhores universidades do planeta, carregava em si uma capacidade rara de cálculo, pensamento estratégico e uma visão que enxergava lá na frente? Que entendia o que a comunidade precisava antes mesmo de ela saber... e ia lá e fazia? E que, além disso, pilotava avião, dirigia ônibus e ainda criava cinco filhos com total amor e dedicação?

José Augusto Pinheiro foi esse homem.

Aqui em Brasília, ele semeou memórias em muitos corações... o meu entre eles.

A vida, como às vezes acontece, acabou nos atravessando com desencontros entre pessoas próximas. Mas nada apaga as memórias cheias de afeto que guardo dele desde a infância até a adolescência. Eu sempre frequentei a sua casa e fui muito bem acolhida. Perdi a conta dos lanchinhos, dos almoços, dos jantares, das festas, das viagens... das descobertas lindas entre famílias que se entrelaçavam com tanto carinho.

Uma das lembranças mais fortes da minha vida é de uma viagem ao Araguaia, quando eu tinha 12 anos. O rio, com seus ciclos de cheia e seca, revelava nas férias de julho ilhas deslumbrantes — quase mágicas. E ali, no meio daquela paisagem, o Zé Baguinho — como a gente carinhosamente o chamava na intimidade, fazia o que era tão próprio dele: criava encontros. Estruturava um acampamento gigantesco numa dessas ilhas e reunia as pessoas que amava para viver dias de liberdade, alegria, torneios de voleibol, cantorias na beira da fogueira e muita pescaria.

Meu pai, como sempre, não queria me deixar ir. Meus irmãos iam, todos os filhos dele tinham convidado amigos e estavam muito animados com a aventura... e eu ia ficar. Em me lembro nitidamente. Como se não houvesse se passado 44 anos.

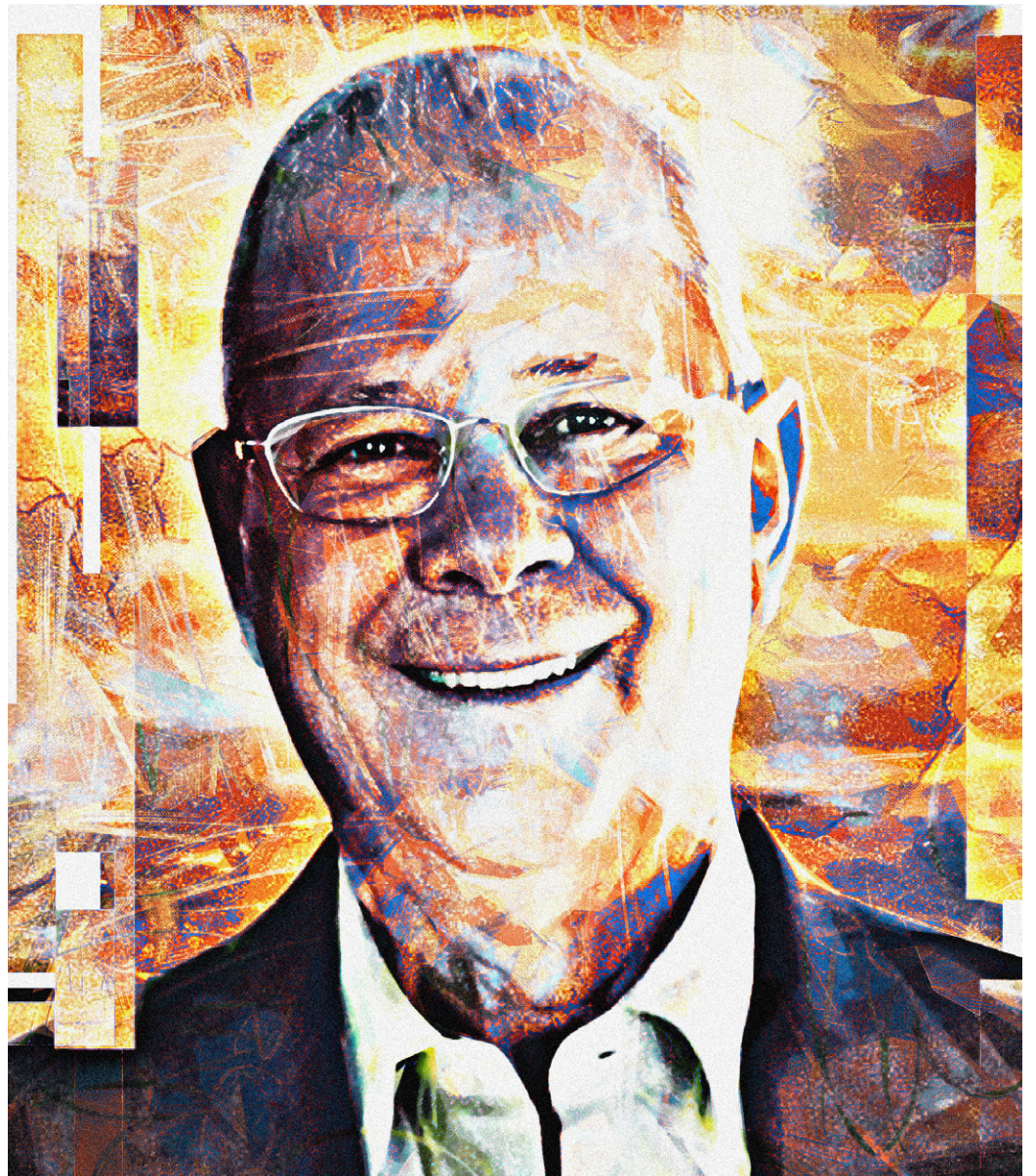
Mas o tio Zé percebeu minha tristeza. E, quando ele via, ele agia.

Resolveu ele mesmo dirigir o ônibus que levava a turma jovem... e foi além. Entrou com ônibus e tudo na rua onde a gente morava, parou na porta da minha casa, buzinou. Diante do espanto do meu pai, me chamou:

"Papaula, entra aqui no ônibus. Você vem com a gente."

Eu não pensei duas vezes. Saí correndo, do jeito que eu estava — de camisola e chinelo — e fui.

Meu pai não impediu. Confiava nele. Sabia que eu estaria protegida.



Passei duas semanas ali, vivendo uma das experiências mais bonitas da minha pré-adolescência. Usei as roupas das filhas dele, fui cuidada, acolhida, incluída. Fui feliz. Muito feliz. Na volta, o ônibus atolou e ele, que estava pilotando seu avião, soube; deu um jeito de pousar no meio da autoestrada e me resgatou! Coisa de filme mesmo, mas ele devia estar receoso da reação do meu pai diante da demorada viagem de volta e arriscou uma atitude drástica para resolver a situação.

Tenho várias outras lembranças tão adoráveis quanto.

Essa semana, o Zé nos deixou. Foi se encontrar com a musa dele, a maravilhosa Conceição Pinheiro, que, certamente, já o esperava do outro lado.

E eu fico aqui, com o coração cheio de uma gratidão profunda.

Respeito imenso.

Amor, desses que nem o tempo, nem a vida, nem a morte conseguem tocar.